

Ministros do PMDB mantêm braços cruzados até o voto em Ulysses

DILZE TEIXEIRA

Proibidos de participar da campanha eleitoral do partido — o candidato a vice, Waldir Pires, vetou suas esperanças nos palanques — os ministros do PMDB moderado cruzaram os braços e não batalharam um voto sequer para o partido. Mas a esmagadora maioria vai votar em Ulysses Guimarães para presidente da República.

O deputado Ulysses Guimarães só não pode contar com o voto do ministro José Aparecido, da Cultura, que fica com o candidato do PFL, Aureliano Chaves, “por uma questão de mineiridade e em protesto, porque Minas Gerais não teve vez nem voto nessas eleições”. Nem com o voto do ministro Roberto Cardoso Alves, do Desenvolvimento da Indústria e do Comércio, que ainda não se definiu. Ele garante que fica com o candidato do presidente José Sarney, mas já se bandeou para apoiar o candidato do PDS, Paulo Maluf, é o empresário Sílvio Santos expurgado da corrida sucessória pelo Tribunal Superior Eleitoral.

VOTO PERDIDO

Os ministros Jáder Barbalho, da Previdência e Assistência Social, Carlos Sant’Anna, da Saúde e Íris Rezende, da Agricultura, asseguram que votam em Ulysses no primeiro turno, mas estão conscientes de que será “um voto perdido”, já que o candidato não tem a mínima condição de ganhar. “Vou votar no deputado

Ulysses Guimarães porque acho que é o mais preparado de todos os candidatos para assumir a Presidência da República. Mas não tenho qualquer ilusão de que ele tenha alguma chance de vitória. Não estou preocupado com isso, meu voto é de qualidade. É um voto partidário”, declara o ministro Jáder Barbalho, que na quarta-feira vota, pela primeira vez, para presidente da República.

Ainda ressentido com o que considera “estupidez” do ex-governador Waldir Pires que vetou a participação dos moderados, Barbalho disse que os ministros poderiam ter ajudado muito o candidato do partido, mobilizando suas bases, “mas como fomos barrados de participar, cruzamos os braços”, justifica. O ministro não gosta do rótulo de moderado e acha que “não devem existir grupos no PMDB, mas sim unidade”. Para ele, essas divisões em grupos são episódicas e lembra que houve um período em que ele era do grupo autêntico do extinto MDB, quando o deputado Ulysses Guimarães era o principal líder do grupo moderado.

DESCOMPROMISSO

“Voto de consciência”. Assim, o ministro da Educação, Carlos Sant’Anna, classifica o voto que dará ao candidato Ulysses Guimarães. Sem qualquer emoção, diz que seu voto será para “o mais apto de todos os candidatos a exercer a Presidência da República”. Ainda magoado com o veto

para participar da campanha eleitoral do partido, considera que a proibição foi “um fato profundamente lamentável”, que prejudicou, fundamentalmente, Ulysses Guimarães.

“Sem poder me engajar na campanha do meu candidato, só me restou uma alternativa: ficar quieto. Por isso não mobilizei minhas bases, meus chefes políticos. Limitei-me a dispor do meu voto como cidadão. Então, o que ocorreu foi que ao invés de envolvê-me politicamente na campanha do dr. Ulysses, restringi-me a dar, apenas, meu apoio pessoal à sua candidatura”, explicou Sant’Anna.

Se alguém estranha a atitude do ministro, ele lembra que foi fundador do MDB, portanto peemedebista histórico, que há 29 anos milita no partido e hoje, mesmo aliado da campanha, não pode seguir uma linha política que não seja a do partido. E essa linha, que decidiu seguir — ele garante — nada tem a ver com o telegrama-circular enviado pelo presidente do PMDB em exercício, o ex-deputado Jarbas Vasconcelos. Nele, Jarbas ameaçou de expulsão os peemedebistas que não votarem com o partido. Para Carlos Sant’Anna, a ameaça é incoerente — “na medida em que os moderados foram vetados de participar da campanha do candidato” — e inócua, pelo menos para ele, que em momento algum pensou em votar em qualquer candidato que não fosse o de seu partido.

SEM ESFORÇO

Outro ministro do PMDB

moderado que fecha com Ulysses Guimarães é Íris Rezende. Mas em consequência da proibição para participar da campanha, assegura que não moveu, nem moverá, “uma palha” para ajudar seu candidato. “Nem aos meus filhos pedi voto. Eles vão votar em quem quiser”, disse. Como os demais ministros, argumenta que pela condição de peemedebista histórico — foi inclusive fundador do extinto MDB, que se transformou no PMDB — não poderia votar em qualquer outro candidato que não fosse o de seu partido.

Mas em função da distância imposta pelo candidato a vice do PMDB, Waldir Pires, aos moderados, participou de uma reunião há 10 dias, no Ministério, na qual liberou seu grupo político para apoiar o candidato do PSDB à Presidência da República, Mário Covas. Participaram desse encontro 10 dos onze deputados federais da bancada goiana, pelo menos 50 por cento da bancada estadual e representantes dos quase 200 prefeitos que seguem sua orientação. A amigos, Íris Rezende tem comentado que até hoje não entendeu a atitude de Waldir Pires. Com isso, o candidato do PMDB perdeu uma parcela decisiva de apoio em Goiás. Para dar uma amostra da força política de Íris Rezende, seus assessores lembram que o falecido Tancredo Neves justificou sua decisão de realizar o primeiro comício de sua campanha em Goiânia com a seguinte frase: “Com um assessor, o Íris coloca 500 mil homens na rua”.